# EDUCAÇÃO FÍSICA UNIVERSITÁRIA NO BRASIL E NA ARGENTINA: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS COM MATERNIDADE?

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**WENETZ; Ileana [1], RIVERO; Ivana V. [2]**

## RESUMO

**Introdução**

Se trata de uma pesquisa interinstitucional entre a Universidade Federal do Espirito Santo (UFES) de Vitoria, ES, Brasil e a Universidad Nacional de Rio Cuarto (UNRC) de Córdoba- Argentina. O objetivo é compreender particularidades da participação feminina nos processos de legitimação da Educação física no âmbito universitário em ambos paises a partir da década do 70. Em um campo de conhecimento marcado pela heteronorma e o predomínio masculino, se tem naturalizado o desbalanço na participação/produtividade/gestão masculina em detrimento da femenina.

O estudo torna-se imprescindível ao perceber a invisibilidade das mulheres na área de educação física. Não se sabe quais são essas mulheres, nem como tem atuado ou como tem trabalhado na nossa área. Descrever a historias dessas mulheres implica em narrar o processo histórico vivenciado pela nossa área e visualizar não somente a identidade dessas mulheres mas o debate de gênero de maneira transversal.

**Sobre as ciências e as mulheres na Educação Física**

Começamos esse texto partindo do pressuposto de que a ciência não é “neutra” do ponto de vista das questões de gênero e de sexualidade. Nessa direção destacamos que a ciência moderna, foi constituída historicamente pelos homens, e opera em um sistema excludente para as mulheres (heteronormativo); Discursos caracterizados como *naturais* e *hegemônicos* que atuam na constituição do sujeito se configura através de processos sociais e históricos. Essa construção atua por meio de uma rede dominante, uma tecnologia de dominação na qual se estabelece o que precisa ser dominado, controlado e normatizado [1].

Esses lugares provocaram rupturas e deslocamentos teóricos, afetivos e políticos, colocando sob suspeita concepções de natureza e cultura, de educação e aprendizagem, de sujeito e de liberdade, permitindo/exigindo que nós, como pesquisadoras, observaremos/reflexionemos de um outro modo os pressupostos teóricos promovidos pela Modernidade[1].Tais concepções foram confrontadas e abaladas não por rejeição a um compromisso político. Ao contrário, ao assumir os campos dos Estudos Feministas, Culturais e do Pós-Estruturalismo[2], nós como mulheres pesquisadoras, entendemos que as lutas são contingentes, provisórias e históricas.

Se bem sabemos que conhecimentos e poder se relacionam estruturalmente a partir da

[1] CEFD/UFES. Vitória/ES. Brasil, ilewenetz@gmail.com
[2] CONICET-UNRC. Rio Cuarto. Córdoba. Argentina, ivrivero13@gmail.com

Modernidade, não todos coincidem em seu tratamento. Nesse sentido, aderimos à posição assumida por Ricoeur [8] Nietzsche segundo os quais os processos de legitimação do conhecimento constituem uma pratica consensualmente compartilhada e estão acompanhados de lutas de interesses que não se podem desconhecer.

A partir deste pressuposto abandonamos uma expectativa de neutralidade, objetividade, racionalidade absoluta e universalidade da ciência e incorporamos uma crítica à visão dos homens das classes dominantes. Os Estudos Culturais e os Estudos Feministas compartilham algumas características interessantes, como, por exemplo, a intensa crítica interna e o fato de serem campos em contínua construção em relação tanto ao objeto de pesquisa como à metodologia. Em relação a esse ponto, [9] destaca: "são estudos engajados, os quais, mais do que buscar *a verdade*, se preocupam com a produção de conhecimentos para compreender o mundo cotidiano e as relações de poder que o constituem e atravessam" (p.21).

As pesquisas que pensam ciência e gênero tem se ocupado de discutir o forte viés heteronormativo e a sub-representação das mulheres nas ciências [10]. Se os intelectuais gozam do particular poder de nomear, então a disputa também é discursiva. O contexto acadêmico atravessado pelas distintas lutas de poder, está também fortemente atravessado por questões de gênero. Barrancos [11] coloca em evidência como os contextos incidem de diversos modos nas ideias que as mulheres constroem acerca de si mesmas e orientam suas opções pessoais e profissionais. Depois de tudo, das narrativas é possível recuperar como as experiências se dão a partir do pensamento que vem 'do lado de fora' [12].

O desafío de falar desde a educação física, um campo de conhecimento conhecido como prática docente heteronormativa que nos leva a encontrar um espaço em continua negociação e luta. Em relação a isso, Ortíz afirma que a luta e o conflito em tais assuntos assumem rebites espetaculares e desaforados, na Argentina, durante umas décadas [13]. É que nas instâncias decisivas dos processos de legitimação do conhecimento (como defensas de tesis, concursos docentes, discussões durante as sessões dos conselhos superior e diretivo) operam com firmeza (e que pesam com brutalidade sobre aqueles que recém ingressam. A minguada participação das mulheres na Universidade argentina até fins do século XX, que lutavam sua própria autonomia e realização pessoal, fizeram possível uma ruptura nas concepções dominantes (BARRANCOS, 2016), abrindo as portas da participação feminina não somente em docência, mas em extensão, pesquisa e gestão universitária. Não alheio a esse processo, o campo da Educação Física universitária multiplicou na Argentina a participação feminina a partir da interrupção de um grupo de mulheres que pretendemos identificar.

Mas a supremacia masculina na sub-representação feminina no espaço académico não foi somente um privilégio argentino. No Brasil as mulheres têm maior formação e recebem menos, ocupam menos cargos de liderança e enfrentam tripla jornada de trabalho entre o espaço académico e profissional. Seguiremos uma linha já apresentada por Maffia [14], na qual pretendemos atualizar as informações colocadas em essa pesquisa e paralelamente focalizar na área educação física.

Em Argentina, a incorporação da Educação Física à universidade foi resultado de um processo complexo de articulação que começou de maneira tardia e ainda hoje permanece. Esse processo, segundo Centurión [15], nos obriga a pensar: em quais condições a Educação Física argentina se inclui no campo académico?, Quais semelhanças e diferenças apresentam em relação ás condições de possibilidade com a Educação Física brasileira? Para pensar isso, identificamos os órgãos que financiam a produção do conhecimento: Conicef[3] e as universidades Nacionais na argentina e no Brasil temos o CNPQ e a CAPES. Scharagrodsky [16] coloca os estudos de gênero no leque da Educação Física, socializando escritos que analisam a presença/ausência das mulheres em distintas práticas sociais e evidenciando como na Argentina se fabricou uma política corporal generificada. No Brasil o panorama não parece muito diferente. Segundo os diretórios de grupos científicos do Brasil a distribuição porcentual dos pesquisadores por gênero segundo a condição de liderança tem tido um aumento da participação de mulheres chegando em 2014, com 54 homens líderes e 46 mulheres e vice líderes em 49 homens e 51 mulheres. Maffia [14] já destacava que o grande problema não era somente a quantidade da participação dos países mas os argumentos que atravessam o acesso, a permanência e ocupação nos cargos de liderança e gestão.



[1] CEFD/UFES. Vitória/ES. Brasil, ilewenetz@gmail.com
[2] CONICET-UNRC. Rio Cuarto. Córdoba. Argentina, ivrivero13@gmail.com

**Metodología**

Nesta pesquisa, utilizaremos uma metodologia qualitativa, A pesquisa qualitativa, é uma abordagem que se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais detalhadamente, com descrição, compreensão e avaliação. Para [17], a pesquisa qualitativa opera com os significados, os motivos, as crenças, os valores e as atitudes das pessoas em relação. Nosso intuito será desenvolver a pesquisa em duas fases: Fase 1: será realizar uma revisão bibliográfica da temática escolhida nos últimos 10 anos e analisar as fontes que circulam em relação às mulheres na ciência no geral e em particular aqueles documentos históricos que nos permitam delimitar as características da área de estudo. Na Fase 2: será realizada uma entrevista semiestruturada de caráter narrativo no qual os sujeitos vão narrar suas lembranças/vivências e ou experiências no processo formativo e de atuação profissional na área de educação física.

**Educação Física, Docência e Maternidade: articulações possíveis?**

A pergunta na qual iniciamos esse tópico, pode parecer em uma primeira instância uma pergunta simples de responder. Mas com um olhar mais atento podemos perceber que a temática provavelmente estará articulada em nosso debate. Esta suposição se dá por três argumentos. O primeiro, é que nossa pesquisa encontra-se em fase inicial, então ainda não temos dados ou resultados para trazer nesse momento. O segundo argumento, é que verificando na nossa revisão bibliográfica já podemos identificar o desafio de articular a maternidade com a vida acadêmica seja por sua presença (o fato de ter filhos/as) ou pela sua ausência (decidir não ter filhos/as). Seja qual for a decisão da mulher, a temática não pode ser negligenciada pois constitui um grande eixo de debate das mulheres universitárias.

Estudos já abordam a trajetória acadêmica e profissional e como a maternidade atravessa a realidades das cientistas, realizando o adiamento ou, inclusive a recusa da maternidade, pois a maternidade pode ter múltiplos sentidos e inclusive para algumas cientistas “pode significar, entre outras coisas, uma diminuição da produtividade para algumas mulheres” [18]. Esse argumento reforça o quadro geral de que as mulheres nas ciências são menos produtivas do que os homens, embora evidencia-se como padrões de produção científica são socialmente construídos e nesse caso específicos, podemos observar como eles evidenciam as construções sociais de gênero na academia [19].

Leta [20], já destacava diferenças entre as áreas de atuação na década de 60. Na explicação para a diferença na distribuição segundo o gênero pelas áreas seriam segundo a autora:

a) a prioridade do casamento e da maternidade diante da escolha profissional, (b) a influência dos pais na escolha da carreira de seus filhos, determinando o que devem ser atitudes e comportamentos 'femininos' e 'masculinos' e (c) incompatibilidades ou diferenças de cunho biológico e/ou social entre homens e mulheres, tal como nas habilidades cognitivas, na questão da independência, de persistência e do distanciamento do convívio social [20] p.272).

Sabemos que a única dificuldade não é o exercício da maternidade. Uma pesquisa desenvolvida no Brasil, que tinha como objetivo mapear a participação feminina no desenvolvimento de pesquisas que utilizou uma análise dos currículos Lattes de 4.970 mulheres que defenderam suas teses de doutorado entre (2000 e 2013). As autoras perceberam que embora os avanços na desigualdade entre mulheres e homens ainda persistem dentro da ciência [21].

Apesar disso, ao colocar o foco sobre a maternidade, as diferenças se marcam mais abruptamente. Atualmente e atravessando um quadro pandêmico sem precedentes, a carga de trabalho das mulheres foi acentuado não somente no cuidado dos filhos/as mas também no cuidado com idosos ou na organização da casa. Buscando entender este cenário, citamos um levantamento no Brasil,



[1] CEFD/UFES. Vitória/ES. Brasil, ilewenetz@gmail.com
[2] CONICET-UNRC. Rio Cuarto. Córdoba. Argentina, ivrivero13@gmail.com

durante os meses de abril e maio de 2020, que tinha por objetivo analisar a produtividade no âmbito acadêmico. Os questionários foram respondidos por 3.629 docentes/pesquisadores. 68 % mulheres e 32 % homens. Desses 68% dos homens tem filhos e 32 % sem filhos e nas mulheres 72 % com filhos e 28 % sem filhos. Durante a pandemia, 3.629 docentes responderam. Dentro os resultados, as mulheres negras com filhos tiveram menor produtividade 3,4 e os homens brancos sem filhos atingiram 25,5 % [22]; Especialmente para submissões de artigos: mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (principalmente com idade até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia. Enquanto que a produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi a menos afetada pela pandemia [22].

## Algumas palavras para não concluir

Embora nossa pesquisa esteja em uma etapa inicial, evidenciamos uma ausência de referências específicas sobre as mulheres cientistas na área da educação física. A invisibilidade dessas mulheres parece ser absoluta, como se não fizessem parte da produção acadêmica e constituição da área. Pretendemos contribuir para dar visibilidade a essas mulheres cientistas.

## Referências


[1] FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Vozes. Petrópolis. 2002a.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002b.

[2] VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e educação: há algo novo sob o sol? In: **Critica pós-estruturalista e educação**. VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). Porto alegre. Sulina.1995.

VEIGA-NETO, A. Olhares...In: VORRABER COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro. DP&A 2da edição. 2002.

[3] COSTA VORRABER, M. Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA VORRABER, M. (Org.). **Estudos Culturais em Educação**. Editora da Universidade. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2000.

[4] VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: **Estudos Culturais em Educação**. Vorraber Costa, M. (Org). Editora da Universidade. Porto Alegre. 2000.

[5] SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do Currículo. 2da edição. Belo Horizonte. Autêntica. 2000.

[6] LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma Perspectiva Pós-Estruturalista. 4ª edição. Petrópolis. Vozes. 2001.

[7]. MEYER, D. **Cultura e Docência teuto-brasileiro-evangélica** no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul. EDUNISC. São Leopoldo. Editora Sinodal. 2000.

[8] Ricoeur, P. **Ideología y utopía**. Traducción: Alberto L. Bixio. 2a edición. Barcelona. Gedisa Editorial.1994

[9] MEYER, D. A arquitetura de um regime de representação cultural: a escola elementar teuto-brasileiro-evangélica no rio grande do sul (1909-1939). **REDES**. Revista do Mestrado em Desenvolvimento Regional UNISC. Estudos sobre imigração alemã. V.6.número especial. Santa Cruz do Sul. Maio 2001. p.53-73.

_____. Gênero e Educação: teoria e política. In: Louro, Guacira.; Neckel, Jane F; Goellner, Silvana Vilodre **(Orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003.**

[10] SILVA. F. F. da; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. Educ**., Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014 Disponível em:





[1] CEFD/UFES. Vitória/ES. Brasil, ilewenetz@gmail.com
[2] CONICET-UNRC. Rio Cuarto. Córdoba. Argentina, ivrivero13@gmail.com

http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012 acesso 28 de Outubro de 2021.

[11] BARRACOS, D. Mi recorrido hasta la historiografía de las mujeres. Descentrada, 1(1), e003. 2017. Disponivel em http://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe003 Acesso em:29 de outubro de 2021.

[12] Deleuze, G. **Nietzsche y la filosofía**. Barcelona: Anagrama. 1986.

[13] ORTIZ, G. **Tiempos indigentes**. Sobre la religión, la educación y la pregunta por el sentido. Córdoba: Educc.2011.

[14] MAFFIA, D. **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. COSTA, A.C; SALVADOR, C. M B **(Orgs).** REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002. 320p. - (Coleção Bahianas; 8).

[15] CENTURIÓN, S. Educación física y universidad. Formación y práctica. Un camino entre el oficio y la profesión. Río Cuarto: Fundación UNRC. 1996.

[16] SCHARAGRODSKY, P. (Org.) **Mujeres en movimiento**. Deporte, cultura física y feminidades. Argentina, 1870-1980. Buenos Aires: Prometeo. 2016.

[17] SILVA. F. F. da; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014 Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012 acesso 28 de Outubro de 2021.

[18] VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu** (10) 1998: p.309-344. Disponível em: http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474 Acesso: 20 de novembro de 2020.

[19] LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**. 17 (49), 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/F8MbrypqGsJxTzs6msYFp9m/?lang=pt Acesso em: 28 de outubro de 2021

[20] GROSSI, M. G. R.; BORJA, S. D. B.; LOPES, A. M.; ANDALÉCIO, A. M. L. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril/2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p11 Acesso em: 28 de outubro de 2021

[21] STANISCUASKI, F. et. al. Impacto do COVID-19 em mães acadêmicas. Sciencie. 15 de maio de 2020: Vol. 368, edição 6492, p. 724 DOI: 10.1126 / science.abc2740, 2020. Disponível em: https://science.sciencemag.org/content/368/6492/724.1 Acesso em: 3 de outubro de 2020.

[1] Para mais detalhes, ver [2].

[2] Sobre pós-estruturalismo e Estudos Culturais, ver[3]; 4],[5]. Para ver articulações entre pós-estruturalismo y feminismo, ver [6] e [7].

[3] Conicet é um ente autárquico do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação Produtiva. Sua missão é a promoção e execução de atividades científicas e tecnológicas em todo o território nacional em quatro áreas do conhecimento: Ciências Agrárias, Engenharia e de Materiais; Ciências Biológicas e da Saúde; Ciências Exatas e Naturais; Ciências Sociais e Humanidades.

**PALAVRAS-CHAVE**: Educação física, docentes universitárias, Brasil, Argentina



[1] CEFD/UFES. Vitória/ES. Brasil, ilewenetz@gmail.com
[2] CONICET-UNRC. Rio Cuarto. Córdoba. Argentina, ivrivero13@gmail.com